

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
PIAUÍ-UESPI LETRAS-PORTUGUÊS**

**O TRABALHO COM A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E O PRECONCEITO
LINGUÍSTICO EM UM LIVRO DIDÁTICO DE ENSINO
FUNDAMENTAL**

LUANA CAVALCANTE COSTA SOUSA

Floriano-PI
2024

O TRABALHO COM A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E O PRECONCEITO LINGUÍSTICO EM UM LIVRO DIDÁTICO DE ENSINO FUNDAMENTAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Universidade Estadual do Piauí-Uespi como requisito básico para a conclusão do Curso de Letras-Português.

Orientador (a): Profa. Dra. Tarcilane Fernandes da Silva

Floriano-PI
2024

S725t Sousa, Luana Cavalcante Costa.

O trabalho com variação linguística e o preconceito linguístico em um livro didático de ensino fundamental / Luana Cavalcante Costa Sousa. - 2024.

48 f.: il.

Monografia (graduação) - Universidade Estadual do Piauí - UESPI, Licenciatura em Letras-Português, Campus Dra. Josefina Demes, Floriano-PI, 2024.

"Orientadora: Profa. Dra. Tarcilane Fernandes da Silva".

1. Variação linguística. 2. Preconceito Linguístico. 3. Ensino fundamental. I. Silva, Tarcilane Fernandes da . II. Título.

CDD 469.709

Ficha elaborada pelo Serviço de Catalogação da Biblioteca da UESPI
Nayla Kedma de Carvalho Santos (Bibliotecário) CRB-3ª/1188

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu Deus, pela força e o amor que me foram concedidos. Sem o seu cuidado, eu nada seria. E a todos os anjos que Ele colocou no meu caminho no decorrer desses anos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, que não permitiu que eu me sentisse sozinha um dia sequer, e me acalentou quando eu, tomada pelo cansaço, pensei em desistir.

Ao meu avô, que fisicamente não poderá contemplar essa conquista, mas faz parte dela.

À minha mãe, por ter abraçado e incentivado a minha luta nos meus momentos mais difíceis.

Ao meu tio Raimundo, por ter sido um pai para mim, e ao meu companheiro de vida, que esteve comigo nesses últimos anos e me apoiou a estudar.

E a todos que, direta ou indiretamente, fizeram parte da minha árdua caminhada até aqui: minha eterna gratidão.

RESUMO

Este trabalho analisa como um livro didático de Língua Portuguesa destinado ao ensino fundamental aborda a variação linguística e o preconceito linguístico, com foco nas sequências discursivas que orientam essas discussões. Os objetivos específicos incluem a identificação das concepções de língua e linguagem presentes no material, destacando como essas concepções influenciam o tratamento dado à variação linguística, além de evidenciar como o enfrentamento do preconceito linguístico pode enriquecer o ensino da Língua Portuguesa, formando alunos mais críticos e conscientes da pluralidade linguística. A análise também se propõe a avaliar se as atividades do livro promovem a valorização da diversidade linguística ou reforçam estereótipos e preconceitos, considerando seu potencial pedagógico para fomentar um ambiente educacional inclusivo e respeitoso. A metodologia utilizada situa-se no campo da Sociolinguística e adota uma abordagem qualitativa, com análise documental do material didático. Os resultados indicam que, embora o livro introduza de forma eficaz a variação linguística e proponha reflexões importantes, ainda carece de uma abordagem mais aprofundada sobre o preconceito linguístico. O ensino da língua deve transcender a mera descrição, empoderando os alunos a reconhecerem e combaterem injustiças relacionadas à linguagem. Conclui-se que a ampliação do debate sobre o preconceito linguístico nos livros didáticos é essencial para promover um ensino mais inclusivo e crítico. Valorizar a pluralidade linguística como um recurso e aprofundar discussões sobre as implicações sociais do preconceito linguístico podem contribuir significativamente para a formação de cidadãos conscientes, éticos e preparados para lidar com a diversidade que caracteriza a sociedade.

Palavras-chave: Variação linguística; Preconceito linguístico; Ensino Fundamental

ABSTRACT

This study analyzes how a Portuguese language textbook for elementary education addresses linguistic variation and linguistic prejudice, focusing on the discursive sequences that guide these discussions. The specific objectives include identifying the conceptions of language and communication present in the material, highlighting how these conceptions influence the treatment of linguistic variation, and demonstrating how addressing linguistic prejudice can enrich Portuguese language teaching, fostering more critical and linguistically aware students. The analysis also aims to evaluate whether the textbook activities promote the appreciation of linguistic diversity or reinforce stereotypes and prejudices, considering their pedagogical potential to foster an inclusive and respectful educational environment. The methodology used is situated in the field of Sociolinguistics and adopts a qualitative approach, with a documentary analysis of the textbook. The results indicate that, although the book effectively introduces linguistic variation and encourages important reflections, it still lacks a deeper approach to linguistic prejudice. Is language teaching should transcend mere description, empowering students to recognize and combat injustices related to language. It is concluded that expanding the debate on linguistic prejudice in textbooks is essential to promote more inclusive and critical teaching. Valuing linguistic plurality as a resource and deepening discussions about the social implications of linguistic prejudice can significantly contribute to forming conscious, ethical citizens prepared to navigate the diversity that characterizes society.

Keywords: Linguistic variation; Linguistic prejudice; Elementary Education

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Atividades e imagens sobre linguagem verbal e não verbal	26
Figura 2: Atividades e imagens sobre variação linguística	29
Figura 3: explicando a variação linguística	32
Figura 4: Atividades e imagens sobre variação linguística	34
Figura 5: Atividades e imagens simulação de uma conversa informal	36
Figura 6: Atividades sobre variação geográfica ou regional	38
Figura 7: Atividades e imagens sobre variação linguística	40

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. A SOCIOLINGUÍSTICA E O ENSINO DA LÍNGUA MATERNA.....	11
2.1 O conceito de variação linguística	12
2.2 Preconceito linguístico no Brasil	14
2.3 O Livro Didático de Língua Portuguesa: papel, influências e desafios na abordagem da variação e do preconceito Linguístico	16
2.3.1 O Papel do Livro Didático no Ensino de Língua Portuguesa	18
2.3.2 A Representação da Variação Linguística nos Livros Didáticos	20
3 METODOLOGIA DA PESQUISA	24
3.1 Identificação das seções e atividades relacionadas à variação linguística	24
3.2 Descrição do material de análise	25
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO	26
4.1 O tratamento direto da variação e do preconceito linguístico no livro didático	26
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	45

1 INTRODUÇÃO

Estudar a variação linguística nas atividades pedagógicas é de grande relevância, pois essa variação reflete as diversas formas de expressão e comunicação dos falantes. No contexto escolar, o reconhecimento e o trabalho com essa diversidade linguística são essenciais, especialmente ao se considerar as implicações do preconceito linguístico para a vida do aluno. Ainda há uma carência de compreensão plena sobre a diversidade linguística no ambiente educacional, e é fundamental analisar como ela é tratada nos materiais didáticos, bem como os fatores que afetam a reprodução de estigmas em relação às diferentes formas de falar e escrever (Rigonatto, 2017).

A questão central desta pesquisa é como a variação linguística e o preconceito linguístico são abordados em um livro didático de Língua Portuguesa voltado para o ensino fundamental. Em um contexto educacional que frequentemente privilegia a norma culta, a falta de atenção à diversidade linguística pode gerar desafios significativos, tanto para alunos quanto para professores, especialmente no que tange à compreensão e à valorização das diferentes formas de expressão linguística. Com isso, torna-se crucial investigar como a variação linguística é apresentada no livro e de que forma ela pode ser trabalhada para promover uma educação linguística mais inclusiva e crítica.

O objetivo geral deste estudo é analisar como o livro didático de ensino fundamental aborda a variação linguística e o preconceito linguístico, destacando as sequências discursivas que orientam essas discussões. Entre os objetivos específicos, pretende-se identificar as concepções de língua e linguagem presentes no material, destacando como essas concepções influenciam o tratamento dado à variação linguística. Além disso, busca-se evidenciar como o trabalho com o preconceito linguístico pode enriquecer o ensino da Língua Portuguesa, contribuindo para a formação de alunos mais críticos e conscientes da pluralidade linguística, por fim, analisar as atividades propostas no livro didático para verificar se promovem a valorização da diversidade linguística ou reforçam estereótipos e preconceitos, avaliando o potencial pedagógico dessas atividades para incentivar um ambiente educacional inclusivo e respeitoso.

A investigação parte da necessidade de compreender como as variações linguísticas são apresentadas e discutidas no livro didático, considerando o impacto que isso tem na prática pedagógica. Em um cenário em que o preconceito linguístico

é um desafio constante, o reconhecimento e a valorização das diferentes variedades da língua por parte dos professores são essenciais para o desenvolvimento de práticas educacionais mais inclusivas. O livro didático, nesse contexto, deve ser um recurso que reflete a diversidade linguística, promovendo o respeito e o reconhecimento das múltiplas formas de expressão dos alunos.

Este estudo é fundamentado em teorias da linguística aplicada à educação, e busca contribuir para um ensino que respeite e valorize a variação linguística, reconhecendo-a como um reflexo das interações socioculturais dos alunos. Ao investigar o tratamento dado à variação linguística e ao preconceito linguístico no livro didático, este trabalho oferece subsídios para práticas pedagógicas mais adequadas e sensíveis à diversidade. Além disso, visa auxiliar na formação de professores para que se tornem mediadores competentes em um ambiente de aprendizado linguístico inclusivo.

A relevância deste estudo está na sua contribuição para a valorização da diversidade linguística e para a melhoria das práticas de ensino da Língua Portuguesa, propondo reflexões que incentivem a desconstrução de preconceitos e a promoção de um ensino que considere as especificidades linguísticas dos alunos. Dessa forma, o trabalho visa fortalecer o papel da escola como um espaço que acolhe e valoriza todas as vozes, reconhecendo a riqueza da diversidade linguística na formação cidadã.

2 A SOCIOLINGUÍSTICA E O ENSINO DA LÍNGUA MATERNA

Conforme a BNCC, Base nacional comum curricular, a compreensão e o respeito pela diversidade linguística são fundamentais para a formação dos alunos. Esse documento defende que os alunos acessem e compreendam as variedades da língua portuguesa, entendendo o valor que cada uma delas possui e suas respectivas vinculações a contextos sociais, históricos e culturais específicos. Do mesmo modo, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), e o Ministério da Educação (MEC), procedem ressaltando ideais similares. Nesse contexto, afirma Bagno: “Uma das principais tarefas do professor de língua é conscientizar seu aluno de que a língua é como um grande guarda roupa, onde é possível encontrar todo tipo de vestimenta” (Bagno, 1999, p.129).

Em uma primeira análise, observamos que a língua varia e que é diversa, além disso, ela é plenamente adaptável a depender da situação, assim, a forma com que nos comunicamos com nossos professores, por exemplo, é diferente da maneira que nos comunicamos com nossos colegas de turma; também encontramos essa diferença no uso dos jargões específicos de cada profissão, como os advogados, os médicos, os surfistas, entre outros grupos, que usam expressões que muitas vezes não são compreensíveis a pessoas de outras áreas. É importante ainda enfatizar que as variações linguísticas ocorrem tanto na língua falada quanto na língua escrita, tendo cada modalidade suas especificidades variacionistas.

Segundo Coan e Freitasg (2010), a Sociolinguística já tem feito um trabalho bastante significativo acerca da diversidade e dos usos da língua, explicando-a em suas particularidades, visto que cada aluno chega à escola com uma bagagem social e linguística, e esta precisa ser considerada pelo docente.

De acordo com Bortoni (2005), o ambiente escolar não deve desconsiderar e nem desprezar essas variedades, mas sim esclarecer aos estudantes sobre a diversidade, haja vista que isto está muito ligado com a maneira que a escola favorece a norma padrão, e isola as demais. Com base nisso, Camacho (2008), explica que é de suma importância que a escola não abandone aquilo que já é de pleno conhecimento do estudante. Dessa maneira, a depender de como isso for repassado ao aluno em sala de aula no decorrer dos anos, logo poderá interferir diretamente no preconceito que este irá enfrentar, como bem ressalta Alckmin (2008):

As diferenças linguísticas, observáveis nas comunidades em geral, são vistas como um dado inerente ao fenômeno linguístico. A não aceitação da diferença é responsável por numerosos e nefastos preconceitos sociais e, nesse aspecto, o preconceito linguístico tem um efeito particularmente negativo (Alkmim, 2008, p. 42).

Além disso, os alunos por si só já possuem uma identidade cultural e linguística que devemos respeitar. Antunes (2009) diz que o uso da língua está atravessado não somente por inquisições linguísticas, mas também por fatores como a política, história, social e cultural. Sendo assim, devemos levar em conta esses aspectos, partindo do ponto que a língua é muito rica, e repassada de pessoa para pessoa, e é exatamente por isso que não se pode restringi-la apenas à norma padrão. Também é importante o trabalho adequado diante dos famosos erros, sobretudo de escrita.

De acordo com Bagno (1999, p.131), “uma porcentagem enorme do que todo mundo chama de “erro de português” diz respeito a “meras incorreções ortográficas”. Ainda segundo esse autor: “é preciso ter sempre em mente que tudo aquilo que é considerado erro ou desvio pela gramática tradicional tem uma explicação lógica, científica, perfeitamente demonstrável. (Bagno, 1999, p.127). Assim, o professor precisa ter ciência desses aspectos e conhecer o que preconiza a sociolinguística acerca do conceito de “erro” e da abordagem adequada a ser tomada em sala de aula no trabalho tanto com a oralidade quanto com a escrita. De acordo com Gorski e Coelho (2006), a escrita é tão essencial quanto a leitura, e isso deve ser trabalhado com mais frequência em sala de aula, visto que há alunos que terão mais dificuldades de se adaptar a esse meio que outros, e o professor tem um papel fundamental em identificar as contrariedades na escrita de seus alunos, de maneira a auxiliá-los.

2.1 O conceito de variação linguística

A variação linguística refere-se às diferentes formas pelas quais uma língua pode ser utilizada por seus falantes, dependendo de diversos fatores como a região geográfica, a classe social, o contexto comunicativo, a faixa etária, o nível de escolaridade e até mesmo o grupo étnico ou cultural a que pertence. Em outras palavras, a variação linguística é a manifestação da diversidade interna de uma língua, evidenciando que a linguagem não é um sistema rígido e fixo, mas uma

música sonora que se adapta às necessidades e contextos.

Bagno (2007, p.19) considera que:

A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em “Língua Portuguesa” está se falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades. [...] A imagem de uma língua única, mais próxima da modalidade escrita da linguagem, subjacente às prescrições normativas da gramática escolar, dos manuais e mesmo dos programas de difusão da mídia sobre “o que se deve e o que não se deve falar e escrever”, não se sustenta na análise empírica dos usos da língua. (Bagno, 2007, p. 19).

Compreender que as formas variadas da língua resultam da imensa riqueza que é o uso da linguagem articulada, é algo que muitas vezes causa surpresa e desconcerto em muitos. A língua falada está intrinsecamente ligada à capacidade humana de se comunicar, e ao longo dos anos ela vai se adaptando aos mais diversos contextos comunicacionais, carregando consigo rastros do tempo, da história e dos acontecimentos da sociedade. Essa transformação constante é diferente na modalidade escrita, que é mais estável e consolidada. O que contribui para essa diversidade linguística é, em grande parte, às condições geográficas, ou seja, a variação é diretamente influenciada pela distância física entre os falantes. Assim, pessoas que vivem em diferentes regiões tendem a falar de maneiras distintas. Mas não são só em aspectos geográficos que a língua varia, ela também é condicionada a fatores como o contexto comunicacional, a classe social do falante e a história. Vejamos um pouco mais acerca desses fatores.

Segundo Mollica (2017) existem diferentes tipos de variação linguística, sendo uma das mais comuns a **variação geográfica**, a **variação social ou diastrática**, que está relacionada à classe social ou grupo a que o falante pertence. Essa variação pode ser percebida nas diferenças de vocabulário e formas de expressão entre grupos de diferentes níveis educacionais ou socioeconômicos.

Outro tipo relevante de variação é a **variação situacional ou diafásica**, que ocorre quando ajustamos a nossa fala conforme o contexto em que estamos inseridos. Por exemplo, a linguagem utilizada em uma conversa informal entre amigos é diferente daquela que empregamos em uma apresentação formal ou em um ambiente acadêmico. Essa adaptação da linguagem ao contexto também envolve escolhas de registro, que podem ser mais formais ou informais.

A **variação histórica ou diacrônica** é mais um aspecto importante. As línguas evoluem ao longo do tempo, e o que é considerado padrão hoje pode nem ter existido em séculos anteriores. Esse processo histórico de mudança linguística é natural e ocorre à medida que as sociedades mudam e novos contextos e necessidades de comunicação surgem.

No Brasil, país com grande diversidade cultural e regional, a variação linguística é um tema central nos estudos sobre o ensino da língua portuguesa. A norma padrão, frequentemente adotada como referência nas escolas, coexiste com uma ampla gama de variedades linguísticas que fazem parte do cotidiano dos alunos. É importante considerar que essas variações não representam desvios ou erros, mas sim reflexos legítimos da pluralidade de contextos em que a língua é usada. Compreender a diversidade linguística é essencial para promover um ensino de língua que valorize a diversidade e evite a estigmatização de determinadas formas de fala ou escrita (Vanz, 2014).

A inclusão das diferentes variedades linguísticas no ambiente escolar pode ajudar a formar indivíduos mais conscientes da riqueza cultural e linguística da sociedade, além de promover um ambiente educacional mais inclusivo e respeitoso. Assim, ao abordar a variedade linguística, tanto os educadores quanto os alunos podem desenvolver uma visão mais crítica e aberta sobre as formas de comunicação, confirmando a legitimidade das diferentes maneiras de falar e escrever que coexistem na sociedade.

2.2 Preconceito linguístico no Brasil

O preconceito linguístico é uma manifestação social presente em diversos contextos do Brasil, manifestando-se de forma sutil ou explícita nas interações cotidianas. Ele reflete o julgamento negativo de determinadas variedades linguísticas afetadas, sendo muitas vezes associadas a questões de classe, etnia e região geográfica. No país, que possui uma vasta diversidade linguística, o preconceito surge principalmente contra as formas de falar que se distanciam da chamada "norma culta" ou padrão da língua portuguesa, que se baseia no português falado nas regiões economicamente mais privilegiadas, como o Sudeste (Bagno, 2007).

Segundo Bortoni-Ricardo (2009) a ideia de que existe um único modo "correto" de falar é uma das principais bases do preconceito linguístico. Essa visão ignora o fato de que a língua é dinâmica e varia naturalmente conforme fatores

sociais, culturais, regionais e históricos. No Brasil, onde as diferenças regionais são marcantes, as variações linguísticas entre o Nordeste, o Norte, o Sul e o Sudeste são frequentemente vistas como motivo para discriminação. Por exemplo, os sotaques nordestinos, muitas vezes, são alvos de estigmatização e associados, erroneamente, a uma suposta falta de educação ou sofisticação.

Além disso, as variações linguísticas dentro de uma mesma cidade ou comunidade também sofrem preconceito. Falares populares, utilizados principalmente pelas classes sociais mais baixas, são rotineiramente marginalizados. Termos regionais, expressões e construções sintáticas próprias dessas variantes são frequentemente rotulados como "errados", reforçando a ideia de que a norma culta é superior. Esse julgamento afeta diretamente a autoestima dos falantes, criando barreiras sociais e educacionais.

No ambiente escolar, o preconceito linguístico pode ser especialmente prejudicial. Em atividades oralizadas, por exemplo, os alunos que utilizam formas de falar que divergem da norma padrão, podem ser corrigidos de forma punitiva, sem que suas variações sejam respeitadas ou discutidas de maneira construtiva. Esse processo pode gerar um distanciamento dos alunos com a língua oral e até mesmo escrita, além de fortalecer a ideia de que sua maneira de falar é inferior. Dessa forma, o preconceito linguístico contribui para a exclusão de certos grupos, perpetuando desigualdades sociais.

A discussão sobre preconceito linguístico também envolve o debate sobre o papel da escola. A instituição educacional, muitas vezes, funciona como uma reprodução dessas ideias preconceituosas, ao valorizar exclusivamente a norma culta e desconsiderar as variações linguísticas como legítimas. No entanto, é essencial que a escola atue como um espaço de inclusão e valorização da diversidade linguística, oferecendo aos alunos uma compreensão mais ampla das múltiplas formas de expressão que existem no Brasil. Sobre isso os PCNs ditam que:

[...] cabe à escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral no planejamento e realização de apresentações públicas: realização de entrevistas, debates, seminários, apresentações teatrais etc. Trata-se de propor situações didáticas nas quais essas atividades façam sentido de fato, pois é descabido treinar um nível mais formal da fala, tomado como mais apropriado para todas as situações. A aprendizagem de procedimentos apropriados de fala e de escuta, em contextos públicos, dificilmente ocorrerá se a escola não tomar para si a tarefa de promovê-la. (PNC, 1998, p. 25).

Deste modo, o preconceito disseminado na sociedade e, especialmente, na escola em relação às variações linguísticas, deve ser abordado como parte de um objetivo educacional mais amplo: a promoção do respeito à diversidade. A escola e os professores precisam oferecer aos alunos a liberdade de expressar suas opiniões, defender seus pontos de vista e respeitar diferentes perspectivas. Somente dessa forma os estudantes poderão ser capacitados a dominar diversas formas de comunicação, sem que sua língua materna seja limitada ou desvalorizada.

2.3 O Livro Didático de Língua Portuguesa: papel, influências e desafios na abordagem da variação e do preconceito Linguístico

O livro didático de Língua Portuguesa exerce uma função central no processo educacional brasileiro, sendo frequentemente utilizado como principal recurso pedagógico tanto pelos professores quanto pelos alunos. Essa centralidade confere ao material didático um papel fundamental na formação de concepções linguísticas e culturais dos estudantes. Ao abordar temas como variação linguística e preconceito linguístico, o livro didático não só reflete, mas também molda as percepções e atitudes dos alunos em relação às diferentes formas de uso da língua (Carvalho, 2012).

Segundo o trabalho de Carvalho (2012), a variação linguística, definida como as diferenças de uso da língua em função de fatores sociais, regionais, históricos e situacionais, é um fator que afeta qualquer idioma. No entanto, a sua representação nos livros didáticos nem sempre foi adequada. Durante muitos anos, as variedades consideradas prestigiadas, especialmente o português padrão escrito, foram privilegiadas, em detrimento de outras modalidades, como as variações regionais e as variedades populares da língua falada. Para Silva (2012, p.817):

O Estado Brasileiro está intimamente ligado aos livros didáticos durante praticamente todo o Período Republicano. Estas relações se estreitam ainda mais a partir de 1985 com a criação do PNLD que, por sua vez, foi assumido, mantido e aperfeiçoado por governos subsequentes.

Nos últimos anos, influenciados pelas diretrizes dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), os livros didáticos têm buscado contemplar a variação linguística de forma mais ampla,

confirmando a pluralidade de manifestações da língua portuguesa no Brasil. Esses documentos orientadores enfatizam a importância da língua em sua diversidade, ressaltando que não existe uma única forma correta de se expressar, mas sim, uma adequação linguística que varia conforme o contexto comunicativo.

Contudo, Klippel (2020) destaca que a forma como essa variação está disponível em materiais didáticos nem sempre promove a valorização de diferentes modalidades linguísticas. Muitos livros ainda tratam a variação como um desvio em relação à norma culta, reforçando estereótipos e preconceitos. Nessa perspectiva, o tratamento da variação linguística no livro didático pode fortalecer o preconceito linguístico, dependendo de como essa especificidade é abordada.

Segundo Abraçado (2008), o preconceito linguístico refere-se à discriminação com base no uso da língua, especialmente quando variedades linguísticas estão associadas a grupos sociais menos prestigiados. No Brasil, essa discriminação é frequentemente voltada para falas populares, regionais e afro-brasileiras, que muitas vezes são vistas como erradas ou inferiores. Essa hierarquização das formas de expressão é, na verdade, um reflexo de preconceitos sociais mais amplos, que estão relacionados à classe, raça e região.

A forma como os livros didáticos tratam as variedades linguísticas pode, intencionalmente ou não, estimular esses preconceitos. Quando apresentam uma norma culta como a única variedade legítima, relegam as demais a um status de inferioridade, perpetuando estigmas sobre seus falantes. Em muitos casos, as falas populares são usadas apenas como exemplos de “erros” ou como ilustrações de inadequação comunicativa, o que, além de distorcer a realidade linguística, contribui para a marginalização dos falantes dessas variedades (Abraçado, 2008).

Por outro lado, segundo a visão de Carvalho (2012), um livro didático comprometido com uma visão inclusiva da língua deve abordar a variação linguística de maneira a valorizar todas as formas de expressão. Deve, por exemplo, mostrar que a adequação linguística depende do contexto e que a norma padrão é apenas uma das variantes possíveis, não a única correta. Esse tipo de abordagem ajuda a desconstruir o preconceito linguístico, promovendo o respeito e a valorização da diversidade cultural e linguística.

Apesar dos avanços teóricos e normativos no campo da educação, a produção de materiais didáticos que abordam a variação e o preconceito linguístico de forma eficaz enfrenta vários desafios. Um dos principais obstáculos é a própria

formação dos professores e autores de livros didáticos, que muitas vezes também estão imersos em uma visão normativa e prescritivista da língua. Essa formação tradicional pode influenciar a maneira como esses profissionais interpretam e representam a variação linguística nos materiais.

De acordo com Zilles e Faraco (2015), outro desafio está relacionado ao mercado editorial. O processo de produção de livros didáticos é, em grande parte, influenciado por fatores comerciais e pela necessidade de atender às exigências de políticas públicas como o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Isso pode limitar a liberdade dos autores na criação de conteúdos que desafiem concepções tradicionais de linguagem e que apresentem uma visão mais pluralista e inclusiva da língua.

Além disso, a recepção de materiais por parte dos professores e alunos também pode ser uma entrada. Livros que abordam a variação linguística de maneira mais crítica e inovadora podem enfrentar resistência em escolas onde a norma padrão ainda é rigidamente valorizada como único modelo legítimo de ensino. Dessa forma, mesmo que o livro didático contemple a variação linguística e combata o preconceito linguístico, sua eficácia dependerá de como será utilizado na sala de aula (Zilles e Faraco, 2015).

O livro didático de Língua Portuguesa tem um papel crucial na disseminação de ideias sobre a língua e sua variação, além de ser um veículo potencial para o combate ao preconceito linguístico. No entanto, sua efetividade depende de uma abordagem cuidadosa e crítica, que valorize todas as formas de expressão e promova a inclusão. Superar os desafios na representação da variação linguística nos livros didáticos é fundamental para a construção de uma educação linguística mais democrática e plural no Brasil.

2.3.1 O Papel do Livro Didático no Ensino de Língua Portuguesa

Teixeira e Di Fanti (2006) observam que o livro didático desempenha um papel fundamental no processo de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa, sendo um dos principais recursos utilizados em sala de aula. No contexto educacional brasileiro, ele serve como um guia tanto para professores quanto para alunos, organizando o conteúdo e propondo atividades que contribuem para o desenvolvimento das habilidades de leitura, escrita, compreensão e produção

textual. Entretanto, o papel do livro didático vai além de simplesmente fornecer informações; ele reflete, reproduz e, em alguns casos, questiona práticas pedagógicas, ideologias e visões de mundo.

A organização do conteúdo no livro didático de Língua Portuguesa segue, em grande parte, as diretrizes curriculares estabelecidas pelo Ministério da Educação (MEC). De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o ensino de Língua Portuguesa deve ser orientado por eixos como a leitura, a produção escrita, a oralidade e a análise linguística. O livro didático, portanto, deve contemplar esses eixos, fornecendo uma abordagem equilibrada entre teoria e prática.

Saussure (2012) salienta que, a forma como o conteúdo é apresentado e sequenciado varia de acordo com as concepções teóricas dos autores. Alguns livros adotam uma abordagem mais tradicional, priorizando o ensino normativo da gramática, enquanto outros investem em abordagens comunicativas e interacionistas, enfatizando a competência discursiva do aluno. Essa diversidade de abordagens pedagógicas influencia diretamente as práticas em sala de aula, o que ressalta a importância da escolha criteriosa do livro didático por parte dos educadores.

Além de ser uma fonte de conteúdos, o livro didático atua como mediador do conhecimento. Ele é uma ferramenta de apoio que direciona a construção do saber, oferecendo uma estrutura de aprendizado sistematizada. As atividades e exercícios propostos ajudam a consolidar os conteúdos estudados, promovendo a reflexão e a prática por meio de atividades interativas, leituras de textos diversos e produção textual. Dessa forma, o livro contribui para o desenvolvimento das habilidades críticas dos alunos, estimulando-os a refletir sobre a linguagem em uso e a identificar as múltiplas possibilidades de significação que a língua oferece (Abraçado, 2008).

Entretanto, segundo Klippel (2020) é importante reconhecer que o livro didático, por si só, não garante a eficácia do ensino. Sua efetividade depende da mediação do professor, que deve adequar os conteúdos às realidades específicas dos alunos, considerando as variações socioculturais e regionais, além de suas dificuldades e potencialidades. Nesse sentido, o livro didático deve ser visto como um ponto de partida, e não como um fim em si mesmo, no processo de ensino-aprendizagem. Apesar de sua importância, o livro didático de Língua Portuguesa não está isento de críticas. Diversos estudiosos apontam que muitos

livros apresentam uma visão homogeneizadora da língua, focada na norma-padrão e desconsiderando as variações linguísticas existentes no Brasil. Essa abordagem pode reforçar o preconceito linguístico, marginalizando as formas de fala de determinados grupos sociais e contribuindo para a perpetuação de desigualdades educacionais.

A questão da variação linguística é especialmente relevante em um país marcado pela diversidade cultural e regional, como o Brasil. A BNCC já reconhece a importância de se trabalhar com as diferentes formas de uso da língua, mas muitos livros didáticos ainda falham em integrar essa diversidade em suas práticas e propostas pedagógicas. Assim, o desafio para as editoras e autores é criar materiais que sejam sensíveis às pluralidades linguísticas e que promovam o respeito às diferentes formas de falar e escrever, sem desvalorizar ou inferiorizar qualquer variação.

Com os avanços tecnológicos e a crescente digitalização dos materiais pedagógicos, o livro didático vem passando por transformações significativas. O formato digital permite maior interatividade, com o uso de vídeos, áudios, e atividades dinâmicas que complementam o conteúdo textual. Essas inovações podem proporcionar um ensino mais atrativo e envolvente, especialmente para as gerações mais jovens, que estão cada vez mais conectadas ao ambiente digital. No entanto, é importante que a transição para os materiais digitais não deixe de lado as reflexões críticas sobre a forma como o conteúdo é apresentado e as possíveis limitações dessas novas tecnologias. A acessibilidade e a inclusão digital são questões centrais que devem ser consideradas, para que todos os alunos, independentemente de suas condições socioeconômicas, possam ter acesso a um ensino de qualidade (Carvalho, 2012).

Em suma, o livro didático continua sendo uma ferramenta essencial no ensino de Língua Portuguesa, mas deve ser constantemente avaliado e revisado para atender às necessidades contemporâneas da educação. Seu papel como mediador de conhecimento e facilitador do processo de aprendizagem é inegável, mas ele também precisa evoluir para incluir as diversidades linguísticas e culturais que constituem o panorama brasileiro.

2.3.2 A Representação da Variação Linguística nos Livros Didáticos

Coelho (2007) afirma que a variação linguística é um fenômeno central no estudo da língua, pois revela a diversidade e a riqueza dos diferentes modos de falar de uma sociedade. No Brasil, um país de grandes dimensões geográficas e culturais, a variação linguística reflete as diferenças regionais, sociais, etárias, e contextuais do uso da língua. Diante dessa realidade, o tratamento que a variação linguística recebe nos materiais didáticos de Língua Portuguesa, particularmente nos livros didáticos, torna-se um aspecto crucial para a educação linguística dos alunos.

O livro didático, como principal recurso pedagógico, desempenha um papel importante na construção da visão que os alunos têm da língua. A forma como ele apresenta e aborda as variações linguísticas pode tanto promover uma visão inclusiva e respeitosa das diferentes formas de falar, como reforçar estigmas e preconceitos linguísticos. Este capítulo busca analisar como a variação linguística é representada nos livros didáticos de Língua Portuguesa e refletir sobre as implicações dessa representação para o ensino e para a formação dos alunos.

Antes de adentrar na análise dos livros didáticos, é importante delimitar o que se entende por variação linguística. A língua é um fenômeno dinâmico e variável, e seus usos se modificam de acordo com fatores como a região geográfica, a classe social, a faixa etária, o gênero, e o contexto comunicativo. A linguística moderna reconhece esses diferentes modos de uso da língua e os categoriza em tipos de variação, como a variação diatópica (regional), a variação diastrática (social), a variação diacrônica (histórica), e a variação diafásica (contextual) (Coan e Freitag, 2010).

Coelho (2007) explica que em um país tão diverso como o Brasil, onde convivem diferentes sotaques, dialetos e registros, é fundamental que a educação linguística contemple essas variações, não apenas para valorizar as identidades regionais e sociais dos alunos, mas também para combater o preconceito linguístico. Entretanto, a realidade muitas vezes se distancia desse ideal, especialmente quando analisamos como os livros didáticos tratam a variação linguística. A análise dos livros didáticos de Língua Portuguesa revela uma preocupação predominante com a norma-padrão da língua, muitas vezes em detrimento da valorização das variações linguísticas. Historicamente, os livros didáticos têm dado ênfase à gramática normativa, apresentando a língua como um sistema fixo e homogêneo, cujo objetivo principal é ensinar os alunos a se adequarem a essa norma-padrão.

Esse foco excessivo na norma-padrão pode levar à marginalização das

formas de fala que se afastam dessa norma, reforçando a ideia de que as variações linguísticas são "erros" ou formas "inferiores" de falar. Por exemplo, em muitos livros didáticos, expressões regionais, gírias ou formas populares de falar são tratadas de maneira estigmatizante, ou são completamente ignoradas, criando uma desconexão entre a língua que os alunos falam em seu cotidiano e a língua que eles aprendem na escola.

No entanto, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), implementada em 2017, trouxe diretrizes que incentivam o reconhecimento e o trabalho pedagógico com a variação linguística, promovendo uma abordagem mais inclusiva. Os livros didáticos, especialmente os produzidos a partir dessa mudança, começaram a incluir, ainda que de maneira limitada, discussões sobre as variações regionais, sociais e contextuais da língua. No entanto, essa inclusão ainda enfrenta desafios significativos (Brasil, 2017).

Apesar de alguns avanços, a representação da variação linguística nos livros didáticos continua limitada e, em muitos casos, superficial. A inclusão de textos que reflitam a diversidade linguística do Brasil muitas vezes é feita de forma pontual, sem uma análise aprofundada dos fatores sociolinguísticos que motivam essas variações. Textos regionais ou populares podem ser apresentados, mas frequentemente são acompanhados de notas que os remetem à "correção" pela norma-padrão, o que enfraquece a valorização dessas formas de expressão (Silva, 2012).

Além disso, muitos livros didáticos ainda falham em promover a reflexão crítica sobre o preconceito linguístico. Ao não problematizar a discriminação que ocorre com relação às formas não normativas de falar, os livros reforçam a hierarquização das variedades linguísticas e não contribuem para a formação de uma postura crítica por parte dos alunos. Isso é especialmente preocupante em um contexto em que muitos alunos falam variedades linguísticas estigmatizadas, o que pode levar à desvalorização de sua própria forma de falar e de sua identidade cultural.

Para Coan e Freitag (2010), outro desafio diz respeito à formação de professores. Embora os livros didáticos sejam uma ferramenta importante, é o professor que exerce o papel de mediador entre o conteúdo e o aluno. Se o professor não estiver preparado para lidar com a variação linguística de forma positiva e crítica, o tratamento desse tema nos livros didáticos pode se tornar

ineficaz. Portanto, além da melhoria nos materiais didáticos, é fundamental que haja uma formação continuada que capacite os professores a trabalhar de forma eficaz com as variações linguísticas.

Diante desses desafios, é necessário repensar a forma como a variação linguística é abordada nos livros didáticos de Língua Portuguesa. Uma abordagem mais inclusiva e crítica deve ir além da simples inclusão de textos regionais ou gírias. Ela deve promover uma reflexão sobre os contextos em que essas variações ocorrem, sobre as relações de poder envolvidas no uso da língua e sobre as formas de preconceito que emergem no julgamento das variedades linguísticas.

Os livros didáticos podem desempenhar um papel central na promoção dessa conscientização, ao incluir discussões mais aprofundadas sobre a diversidade linguística brasileira, ao valorizar todas as formas de falar e ao questionar a centralidade da norma-padrão como único modelo legítimo de uso da língua. Além disso, devem oferecer propostas didáticas que ajudem os alunos a compreender a função social das diferentes variedades e a refletir criticamente sobre as ideologias linguísticas que moldam o uso da língua no Brasil. A variação linguística deve ser tratada nos livros didáticos como um elemento central da educação linguística, e não como um aspecto periférico ou exótico. Ao valorizar as múltiplas formas de falar e escrever, os livros podem contribuir para uma educação mais inclusiva, democrática e plural, na qual os alunos se reconheçam e valorizem a diversidade linguística que caracteriza a sociedade brasileira (Coelho, 2007).

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

Este estudo, situado no campo da Sociolinguística, utilizará uma abordagem qualitativa para analisar como a variação linguística e o preconceito linguístico são tratados em um livro didático de Língua Portuguesa voltado para o ensino fundamental. A metodologia adotada envolverá a análise documental do material didático selecionado, com foco nas atividades e sequências discursivas que abordam a variação linguística e o preconceito linguístico.

Inicialmente, será realizada uma leitura crítica e detalhada do livro didático para identificar as concepções de língua e linguagem apresentadas. Serão mapeadas as seções do livro que abordam direta ou indiretamente a variação linguística, com o objetivo de identificar como essas variações são retratadas e se há indicativos de um trabalho com o preconceito linguístico nos textos e nas propostas de atividades. Após essa etapa inicial, a pesquisa seguirá os seguintes passos:

3.1 Identificação das seções e atividades relacionadas à variação linguística

Nessa etapa, será feito um levantamento das partes do livro que mencionam ou trabalham com a variação linguística, como explicações teóricas, exercícios, textos de leitura, e atividades propostas. O foco será identificar quais variedades linguísticas são apresentadas e como são introduzidas aos alunos.

As atividades serão analisadas para verificar se promovem a valorização da diversidade linguística ou se reforçam estereótipos e preconceitos. Será avaliado se o material incentiva o reconhecimento e a aceitação das variedades linguísticas dos alunos, bem como o respeito às diferentes formas de expressão presentes no contexto sociocultural dos estudantes.

A última etapa envolverá uma análise das orientações pedagógicas fornecidas pelo livro didático para os professores, com foco em como as atividades sugerem o trabalho com o preconceito linguístico. Será investigado se o material oferece estratégias para que o professor possa desenvolver um ensino inclusivo, respeitoso e que reconheça a pluralidade linguística como um recurso e não como um problema.

Os dados coletados serão interpretados à luz das teorias sociolinguísticas, com ênfase nas concepções de variação e preconceito linguístico. A análise buscará

evidenciar de que forma o livro didático contribui ou limita o desenvolvimento de uma prática pedagógica crítica e inclusiva, apontando as potencialidades e as limitações do material.

Essa abordagem metodológica visa não apenas a compreensão da representação da variação linguística no livro didático, mas também a avaliação de como essas representações podem impactar o ensino da Língua Portuguesa, promovendo uma reflexão sobre a necessidade de um material didático que contribua para combater o preconceito linguístico e valorizar a diversidade linguística presente na sala de aula.

3.2 Descrição do material de análise

Conforme ressaltamos, são objetivos desta pesquisa analisar como o livro didático de ensino fundamental aborda a variação linguística e o preconceito linguístico, destacando as sequências discursivas que orientam essas discussões. Como objetivos específicos, ensejamos identificar as concepções de língua e linguagem presentes no material, destacando como essas concepções influenciam o tratamento dado à variação linguística. Além disso, queremos evidenciar como o trabalho com o preconceito linguístico pode enriquecer o ensino da Língua Portuguesa, contribuindo para a formação de alunos mais críticos e conscientes da pluralidade linguística. Por fim, objetivamos analisar as atividades propostas no livro didático para verificar se promovem a valorização da diversidade linguística ou reforçam estereótipos e preconceitos, avaliando o potencial pedagógico dessas atividades para incentivar um ambiente educacional inclusivo e respeitoso.

O livro didático selecionado para as análises é o livro *“A conquista: Língua Portuguesa”*, de Eliana Santos Beltrão e Tereza Gordilho. A escolha desse livro foi dada porque ele está em vigor no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), sendo uma das opções disponíveis para as escolas públicas atualmente. Publicado em 2022, o material reflete as diretrizes e critérios mais recentes do programa, o que garante sua relevância e alinhamento com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Para as análises, serão utilizados cinco recortes específicos do livro, selecionados estrategicamente para observar aspectos como a abordagem de conteúdo, a inclusão de diversidades culturais e linguísticas, a proposta de atividades e a relação entre teoria e prática. Esses recortes permitirão uma análise

detalhada e fundamentada sobre como o livro promove (ou não) um ensino de Língua Portuguesa crítico, inclusivo e eficaz.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO

4.1 O tratamento direto da variação e do preconceito linguístico no livro didático

O livro didático escolhido para a análise, conforme a aprovação do PNLD de 2022, é de autoria de Eliana Santos Beltrão e Tereza Gordilho. Seu conteúdo é voltado para a Língua Portuguesa, para 6º ano do Ensino Fundamental, e estará em vigor entre os anos de 2024 a 2027.

As atividades do livro abordam de maneira prática a variação linguística, apresentando situações comunicativas cotidianas, como a capa de um livro de aventura e uma conversa simulada em um aplicativo de mensagens. Esses detalhes não apenas aproximam os alunos da realidade, mas também demonstram como a língua varia em função do contexto, do propósito da comunicação e dos interlocutores envolvidos. Essa abordagem pedagógica é alinhada às orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), que destacam a importância de valorizar a pluralidade linguística e de promover o ensino da língua como prática social (Brasil, 1998)

Para iniciarmos nossa análise, observaremos agora as atividades da seção específica ao tratamento da variação, começando pela página 22:

Figura 1: Atividades e imagem sobre linguagem verbal e não verbal

POR DENTRO DA LÍNGUA

Linguagem verbal e linguagem não verbal

A capa do livro **Pantera Negra: Quem é o Pantera Negra?** que você leu na seção Texto deste capítulo é composta por linguagem verbal, representada no título e na autoria, e por linguagem não verbal, representada na imagem do super-herói.

1. Leia a seguir outra capa de livro.

Nessa aventura, um grupo de amigos conhecido como "A Turma dos Tigres" passa férias em um acampamento, em um vilarejo na Noruega. Enquanto descansam, eles são surpreendidos por um estranho avião que assusta os habitantes da cidadezinha em que estão.

► Capa do livro **O avião fantasma**, de Thomas C. Brezina, publicado pela Editora Atica, em 2019.

a) O título do livro sugere que a narrativa trará desafios e perigos para os personagens. Como você imagina a Turma dos Tigres? O que eles parecem gostar de fazer?

b) Além do título, a capa desse livro traz pistas sobre o seu conteúdo. Que hipóteses você poderia levantar a respeito da história do livro?

2. As imagens e as cores da capa possibilitam fazer inferências a respeito da narrativa.

a) Quem possivelmente desvendará o mistério do avião fantasma? Como é possível inferir isso?

b) Como o avião é representado? Que efeito de sentido essa ilustração pode produzir?

22

Fonte: Livro projeto A conquista-Língua Portuguesa (2022 p. 22).

De acordo com Bagno (2007), a língua portuguesa no Brasil é marcada por uma diversidade de variações linguísticas regionais, sociais e situacionais. Ele enfatiza que essa pluralidade reflete as práticas culturais e identitárias das comunidades linguísticas. No contexto das atividades propostas no livro, a exploração dessas variações por meio de exemplos concretos e acessíveis – como uma conversa informal e expressões típicas da oralidade – contribuem para desmistificar o preconceito linguístico. Bagno argumenta que esse tipo de ensino ajuda os alunos a compreenderem que nenhuma variação é inferior à outra, mas que todas têm usos legítimos em seus respectivos contextos.

Além disso, as atividades criam um espaço fértil para discutir o preconceito linguístico, uma questão estrutural que frequentemente marginaliza falantes de variedades não padrão, rotulando-os como "errados" ou "incultos". Faraco (2008) pontua que a perpetuação dessas ideias é um reflexo de desigualdades sociais e reforça a necessidade de combater esses preconceitos na sala de aula. Perguntas como "Esse uso está adequado?" e "Como você usaria essas palavras em outras situações?" promovem essa reflexão, destacando o conceito de adequação linguística em vez de correção. Essa prática pedagógica alinha-se ao entendimento de Marcuschi (2008), que defende a noção de que a língua é funcional e que seu

uso deve ser avaliado em termos de adequação às situações comunicativas.

A seção do livro didático apresentado acima trabalha a relação entre linguagem verbal e não verbal, utilizando a capa do livro *A Turma dos Tigres: O Avião Fantasma*, de Thomas C. Brezina, como objeto de análise. As atividades propostas exploram aspectos de leitura e interpretação textual, bem como de análise visual, buscando integrar elementos multimodais no processo de aprendizagem. A seguir, discutimos os objetivos e as lacunas dessas atividades à luz do tema "O trabalho com a diversidade linguística e o preconceito linguístico".

A primeira atividade convida os alunos a analisar como o título e a capa sugerem aspectos narrativos da obra. A proposta busca desenvolver habilidades de inferência e interpretação, incentivando os alunos a relacionarem elementos visuais, como a fogueira, o avião iluminado no céu e os personagens, com os elementos verbais, representados pelo título e pela descrição da narrativa. Essa abordagem é fundamental para promover a integração entre linguagens verbais e não verbais, alinhada ao conceito de letramento multimodal, conforme proposto por Dionísio e Vasconcellos (2005). Contudo, a atividade não aborda de forma explícita questões relacionadas à variação linguística. Seria interessante, por exemplo, questionar como o título e a linguagem empregada no texto refletem um padrão formal e se isso dialoga ou contrasta com a oralidade do público-alvo.

Além disso, a ausência de discussão sobre registros linguísticos regionais ou sociais na análise do texto verbal representa uma oportunidade perdida para incluir uma perspectiva de diversidade linguística. Bagno (2007) destaca que o ensino de língua portuguesa deve valorizar as diferentes variedades linguísticas para promover o respeito e combater o preconceito linguístico.

A segunda atividade concentra-se na análise dos núcleos e elementos visuais, incentivando os alunos a refletirem sobre o impacto das escolhas cromáticas e pictóricas na construção da narrativa. A utilização de cores escuras e elementos misteriosos reforça a atmosfera de suspense associada ao enredo. Essa proposta é relevante para desenvolver a percepção crítica dos alunos em relação aos elementos não verbais que compõem um texto multimodal. Entretanto, a atividade poderia ser enriquecedora ao propor reflexões sobre a interação entre linguagem verbal e não verbal na construção de sentidos. Questionamentos que relacionam a linguagem verbal da sinopse e do título com as expectativas geradas pelas imagens puderam aprofundar a análise.

Além disso, a atividade poderia explorar como a linguagem verbal seria adaptada a diferentes contextos, como em uma narrativa informal entre os personagens da capa. Essa abordagem abriria espaço para discutir a variedade linguística, mostrando como a linguagem é flexível e se adapta ao público e à função comunicativa.

Embora as atividades apresentadas sejam benéficas no desenvolvimento da leitura crítica e da interpretação multimodal, elas não abordam diretamente o preconceito linguístico ou a variação linguística. Incorporar questões que promovam a reflexão sobre como diferentes registros e variedades linguísticas são utilizadas e compreendidas em contextos diversos poderiam enriquecer significativamente a proposta pedagógica.

Algumas sugestões incluem reflexões sobre a variação linguística, questionando como os personagens poderiam se comunicar em diferentes registros e como isso refletia suas identidades culturais e sociais. Além disso, seria pertinente problematizar possíveis preconceitos linguísticos associados à linguagem utilizada em materiais infantojuvenis, debatendo, por exemplo, se uma linguagem mais informal seria considerada "menos adequada" e por quê. Por fim, explorar como os elementos visuais e verbais poderiam ser adaptados para incluir mais diversidade cultural e linguística ampliaria as possibilidades de leitura crítica.

Em resumo, as atividades testadas demonstram um esforço significativo em desenvolver competências de leitura e interpretação integradas, alinhadas ao letramento multimodal. Entretanto, a ausência de uma abordagem explícita sobre a variação linguística e o preconceito linguístico limita seu potencial educativo. Integrar essas discussões poderiam contribuir para uma educação linguística mais inclusiva e crítica, promovendo o respeito à diversidade e combatendo estigmas.

Figura 2: Atividades e imagens sobre variação linguística

LINGUAGEM E SENTIDOS

Variação linguística e adequação de linguagem

Uma das formas que temos para interagir uns com os outros por meio das linguagens são as diferentes línguas, como é o caso da língua portuguesa. Os textos deste capítulo mostram que a língua possibilita inúmeras formas de utilizar as linguagens para nos comunicarmos e que seu uso irá depender de fatores diversos ligados à situação de comunicação, à finalidade do texto e à relação com o interlocutor, por exemplo.

1. Releia os dois comentários lidos na seção **Textos em diálogo**.

★★★★★

Daniilo.Santiago 20/03/2022

Não dá pra ler esse livro só uma vez! Além de amar muuuuito o Pantera Negra, acho que a história do livro prende a gente pela riqueza dos detalhes e pela possibilidade de conhecer mais e mais sobre o herói. Ainda tem a questão da representatividade dele, né? Não só dele como de outras personagens tb, Shuri, Ramonda.

gostei (1) comentários (0) comente

★★★★★

Patrícia.Bressy 17/03/2022

Pantera Negra


Pensar em um personagem negro como protagonista seria, até então, algo bastante inusitado. Nesse livro, no entanto, temos um herói negro que consegue fazer com que seu país se sobressaia em meio a outras nações poderosas e imperialistas.

gostei (0) comentários (0) comente

a) Os comentários foram publicados com a mesma finalidade e para o mesmo público leitor. O que é semelhante e o que é diferente quanto à linguagem utilizada nos dois trechos?

b) Na sua opinião, as duas formas de usar a linguagem estão adequadas à situação de comunicação? Ou apenas uma delas? Justifique seu ponto de vista.

2. Agora, leia esta capa de revista.



3. Observe que a capa tem títulos mais informais.

a) De que assuntos essa edição da revista trata?

b) Qual é o público-alvo dessa revista? Que elementos na capa evidenciam que ela se dirige a esse leitor?

3. Observe que a capa tem títulos mais informais.

a) Que efeitos de sentido esse uso da linguagem produz?

b) Na sua opinião, qual é a finalidade do uso da informalidade?

c) Se o título da edição fosse "Os animais e seus habitats", o efeito de sentido seria o mesmo? Explique.

Na língua portuguesa existem "muitas línguas", isto é, diferentes maneiras de usar a língua para interagir. Nas variadas situações de comunicação, é possível notar que pessoas de diferentes lugares ou de diferentes idades usam palavras, expressões e modos de falar distintos. Cada um desses modos de falar recebe o nome de **variação linguística**.

Variação linguística refere-se à transformação de palavras, expressões e de pronúncia determinada por fatores como profissão, classe social, região, idade, nível de escolaridade e modalidades oral e escrita da língua quanto em seus registros formal ou informal.

Fonte: Livro projeto A conquista-Língua Portuguesa (2022 p.25 e 26)

A análise das atividades propostas no livro didático evidencia uma abordagem significativa sobre a temática da variação linguística, integrando aspectos práticos e reflexivos para os alunos do ensino fundamental. As imagens e questões apresentadas exemplificam um esforço pedagógico em fomentar a compreensão da diversidade linguística como reflexo de contextos culturais, sociais e históricos. Essa perspectiva está alinhada ao que Bagno (2007) defende como essencial no ensino de língua: abordar a pluralidade linguística sem hierarquizar as formas de expressão, promovendo a valorização de todas as variantes.

Na primeira atividade, que explora comentários fictícios sobre a obra Pantera Negra, observa-se a valorização de diferentes registros de linguagem, incluindo elementos de maior informalidade nos textos dos personagens. Essa escolha pedagógica demonstra como as práticas de linguagem se moldam conforme o propósito comunicativo e as relações entre os interlocutores, como argumenta Marcuschi (2008), que destaca a importância do contexto no uso linguístico. As questões que acompanham os comentários incentivam a reflexão crítica sobre a

funcionalidade e adequação linguística, permitindo que os alunos compreendam a língua como um sistema dinâmico e multifacetado.

Já a segunda atividade, que traz a capa de uma revista infantil com expressões como "Fim de ano é o bicho!" e "Quem tem medo de ave de rapina?", evidencia o uso de linguagem descontraída e próxima do universo infantil. Esse tipo de abordagem, segundo Antunes (2009), é crucial para engajar os alunos e mostrar como a linguagem se adapta a diferentes gêneros textuais e contextos de interlocução. Além disso, a apresentação dessas variações contribui para o entendimento de que não há formas linguísticas intrinsecamente superiores ou inferiores, mas que todas têm seu lugar e função em contextos específicos.

A definição de variação linguística no material analisado é um ponto central para ampliar a consciência dos alunos sobre a legitimidade das diferentes formas de falar e escrever. Entretanto, como ressalta Faraco (2008), a inclusão de conteúdos que apenas descrevem variações linguísticas, sem problematizar o preconceito associado a elas, pode limitar o impacto do ensino. Embora as atividades proponham uma compreensão inicial das variações, a ausência de discussões explícitas sobre preconceito linguístico, como exemplos de discriminação baseada no modo de falar, restringe o potencial do material em formar cidadãos críticos.

Nesse sentido, é fundamental incorporar no livro didático não apenas a apresentação das variações linguísticas, mas também atividades que explorem casos concretos de preconceito linguístico e estratégias para enfrentá-lo. Bagno (2007) argumenta que a escola deve ser um espaço de desconstrução de estereótipos, e isso só é possível ao se abordar, de maneira crítica, como o preconceito linguístico reflete e reforça desigualdades sociais. Essa abordagem contribuiria para que os alunos não apenas reconhecessem a diversidade linguística, mas também se posicionassem contra a discriminação.

De modo geral, o material didático analisado apresenta propostas que introduzem de maneira eficaz a variação linguística e proporcionam reflexões importantes para os alunos do ensino fundamental. Contudo, como aponta Cagliari (2001), o ensino da língua deve ir além de uma visão meramente descritiva, promovendo discussões que empoderem os alunos a reconhecerem e combaterem injustiças relacionadas à linguagem. Ampliar o debate no material didático, incluindo a problematização do preconceito linguístico e suas implicações sociais,

enriqueceria a abordagem proposta e reforçaria o papel da educação na formação de cidadãos críticos e éticos.

Além disso, é importante considerar que a abordagem crítica do preconceito linguístico não deve se restringir ao ambiente escolar, mas dialogar com as vivências dos alunos fora da escola. Inserir atividades que conectem os conteúdos com a realidade cotidiana dos estudantes, como análises de situações presentes na mídia, redes sociais ou mesmo em suas comunidades, pode tornar o aprendizado mais significativo. Dessa forma, os alunos seriam incentivados a perceber como o preconceito linguístico se manifesta de forma sutil ou explícita em diferentes contextos e a desenvolver ferramentas para desconstruí-lo ativamente em suas interações sociais, ampliando o impacto do ensino para além da sala de aula.

Figura 3: explicando a variação linguística

Como vimos, a autora do segundo comentário emprega o verbo **amar** com um sentido de "gostar muito", um uso muito próprio da linguagem informal. Nas chamadas da revista, também optou-se pelo uso de uma linguagem mais informal.

Variações geográficas

São os jeitos de falar de um país, uma região, um estado, uma cidade ou mesmo um bairro. No Brasil, embora todos falem a mesma língua, existem diferenças, como os vários usos de certas palavras e expressões e a pronúncia de determinados sons, o que chamamos de **sotaque**. Os baianos, por exemplo, usam a expressão **enxame de gente** para dizer que há "muita gente" em um lugar; os gaúchos chamam tangerina de **bergamota**; para o mineiro, é comum usar a palavra **trem** para designar qualquer objeto.

Variações históricas

São os jeitos de falar que mudam com o tempo. Pessoas de diferentes idades usam palavras e expressões distintas: em diferentes momentos do passado, as palavras **vossa mercê** ou **vosmecê** deram origem à palavra **você**. Muitas pessoas ainda usam termos e expressões ou grafias diferentes de palavras conforme eram usadas no passado.

Variações socioculturais

São os jeitos de falar que mudam conforme o grau de escolaridade, o grupo de profissionais, o grupo social e as condições socioeconômicas. As revistas dirigidas a um público específico, como a **Ciência Hoje das Crianças**, procuram usar uma linguagem adequada à faixa etária do leitor. Muitos grupos sociais, como esportistas ou profissionais de uma área, utilizam **gírias** ou **jargões** específicos daquele grupo.

Variações situacionais

São os jeitos de falar que mudam conforme a situação de comunicação em que o falante se encontra. Quando uma pessoa apresenta um trabalho acadêmico para uma plateia, é mais comum ela usar um **registro formal** nessa fala; mas, quando for explicar esse mesmo assunto entre amigos, é mais comum ela usar um **registro informal**.

Registro é a variação presente na fala de uma pessoa. Essa variação irá depender da situação em que ela se encontra. O **registro formal** é uma forma mais monitorada, em que o falante geralmente se preocupa em usar as regras gramaticais regidas pela **norma-padrão**. O **registro informal** é uma forma menos monitorada, empregada pelo falante em situações de menor formalidade.

Norma-padrão é o termo usado para designar o conjunto de regras descritas pela gramática normativa para regulamentar o uso da língua. Ainda que nem sempre essas regras correspondam ao modo como a língua é utilizada no dia a dia, é fundamental que o falante as conheça para que possa fazer uso consciente e reflexivo delas quando a situação de comunicação exigir.

Como vimos, é a situação de comunicação que irá definir a linguagem que o falante deverá usar. O falante deve desenvolver a **competência comunicativa** para saber em quais momentos pode ou deve se expressar de determinada maneira.

27

Fonte: Livro projeto A conquista-Língua Portuguesa (2022, p.27)

A seção apresentada sobre variação linguística no livro didático traz uma abordagem rica e diversificada, abordando variações geográficas, históricas, socioculturais e situacionais. Essa divisão temática é uma vantagem significativa, pois facilita a compreensão das múltiplas dimensões da linguagem, permitindo que os alunos reconheçam os diferentes fatores que influenciam os modos de falar e escrever.

A apresentação dos tipos de variação linguística é clara e objetiva, utilizando exemplos concretos que se conectam ao cotidiano dos alunos, como "enxame de gente" e "bergamota". Isso torna o conteúdo mais acessível e próximo da realidade.

A explicação reconhece a legitimidade das variações, enfatizando que os diferentes modos de falar não são inferiores, mas adequados a contextos específicos. Isso contribui para combater o preconceito linguístico de forma implícita.

Ao abordar o conceito de norma-padrão, o material reforça que seu uso está relacionado a situações formais, sem desqualificar as variantes informais. Essa abordagem ajuda a desmistificar a ideia de que apenas a norma-padrão é "correta."

A menção à necessidade de desenvolver a competência comunicativa destaca a importância de adaptar a linguagem ao contexto, promovendo habilidades práticas que os alunos podem aplicar em diversas situações.

Apesar de reconhecer as variações linguísticas, a seção não explora diretamente as questões relacionadas ao preconceito linguístico. Adicionar reflexões sobre como o julgamento das formas de falar impacta indivíduos e grupos sociais enriqueceria o debate e estimularia uma postura crítica dos alunos.

Embora os exemplos geográficos sejam relevantes, poderiam ser mais inclusivos, abrangendo variações de outras regiões do Brasil para destacar a diversidade linguística nacional de forma mais completa. Incluir exercícios que incentivam os alunos a identificar variações em sua própria comunidade ou a refletir sobre casos reais de preconceito linguístico ajudaria a consolidar os conceitos apresentados. Por exemplo, analisar situações de discriminação em notícias ou relatos pessoais seria uma estratégia eficaz. A seção poderia incluir recursos multimodais, como áudios ou vídeos, para ilustrar as variações linguísticas, tornando a aprendizagem mais dinâmica e interativa.

A seção analisada oferece uma base sólida para introduzir o tema da variação linguística aos alunos do ensino fundamental. No entanto, para maximizar seu potencial, seria importante aprofundar o debate sobre preconceito linguístico e ampliar a conexão com o contexto dos alunos. Assim, o livro não apenas informaria, mas também contribuiria para a formação de cidadãos mais conscientes e críticos em relação à diversidade linguística.


Figura 4: Atividades e imagens sobre variação linguística

3. Que variação linguística predomina no excerto? Justifique sua resposta com palavras ou trechos do texto.

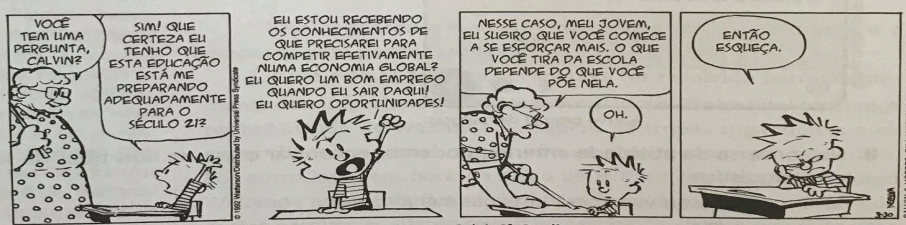
SAIBA MAIS

Muitos **superpoderes** dos super-heróis estão associados a tecnologias e descobertas científicas – que deram certo ou não. O vibranium, por exemplo, é um metal raro fictício encontrado nas terras de Wakanda, usado tanto na armadura do Pantera Negra quanto no escudo do Capitão América. O personagem Hulk consegue se transformar porque foi exposto a uma radiação capaz de alterar seu DNA. Já o Homem de Ferro utiliza uma armadura altamente tecnológica. Os X-Men, por sua vez, são um grupo de mutantes que têm diferentes superpoderes decorrentes de suas mutações genéticas.

► Frame do filme **Homem de Ferro**, dirigido por Jon Favreau (Estados Unidos, 2008).



4. Leia a tirinha a seguir.



WATTERSON, Bill. [Você tem uma pergunta, Calvin?] Os dias estão todos ocupados: as aventuras de Calvin e Haroldo. São Paulo: Conrad, 2011.

a) Na tirinha, o personagem Calvin questiona a professora. Qual é a preocupação dele, expressa no primeiro quadrinho?

b) Essa questão é própria a uma criança da idade dele? O que isso revela sobre o seu jeito de ser?

5. Calvin emprega o registro formal em sua fala. Considerando que ele é uma criança, o que o uso desse registro possibilita inferir a respeito do personagem?

6. Na tirinha da atividade 4, a professora faz uma sugestão a Calvin.

a) É possível dizer que Calvin vai se comprometer com uma mudança de atitude? Explique.

b) Na sua opinião, por que a reação de Calvin produz humor?

Fonte: Livro projeto A conquista-Língua Portuguesa (2022, p.29)

O uso de temas populares, como super-heróis, e de recursos visuais, como a tirinha, é uma escolha acertada para engajar os alunos. De acordo com Antunes (2009), a relação entre os conteúdos escolares e o universo cultural dos alunos é fundamental para tornar o aprendizado significativo. O apelo visual e temático facilita a compreensão dos conceitos linguísticos ao relacioná-los com experiências do cotidiano, como assistir a filmes ou ler quadrinhos, promovendo uma aprendizagem contextualizada.

As questões propostas nas atividades instigam os alunos a refletirem sobre registros linguísticos formais e informais, evidenciando como a linguagem varia em função de fatores como idade, contexto e função comunicativa. Essa reflexão é

essencial para desconstruir a ideia de que a língua portuguesa é contida ou estática, contribuindo para a formação de uma visão crítica, como defende Bagno (2007). No entanto, observa-se uma lacuna importante: as atividades não abordam explicitamente o preconceito linguístico. A ausência desse debate limita o potencial do material em aprofundar questões sociais relacionadas à discriminação com base no uso da língua.


Por exemplo, a tirinha do Calvin apresenta uma interação entre uma criança e uma professora que pode ser utilizada para problematizar atitudes preconceituosas. A ocorrência da professora às falas de Calvin poderia ser explorada com questões que incentivam os alunos a refletirem sobre as implicações sociais e emocionais das alterações linguísticas realizadas de forma insensível ou descontextualizada. Faraco (2008) argumenta que a escola deve ir além do ensino normativo da língua e promover debates sobre as relações de poder e preconceitos que permeiam o uso da linguagem.

Além disso, o texto sobre super-heróis, embora atraente, não explora diretamente variações linguísticas regionais ou sociais. Uma introdução de exemplos que refletem as diferentes formas de expressão de grupos socioculturais diversos enriqueceria a atividade, permitindo uma abordagem mais ampla e inclusiva da variação linguística. Como aponta Bortoni-Ricardo (2004), é fundamental que o ensino da língua considere a pluralidade de práticas linguísticas existentes no Brasil, valorizando as especificidades regionais e sociais como parte integrante da identidade nacional.

De modo geral, as atividades demonstradas oferecem uma base relevante para a compreensão da diversidade linguística, mas carecem de um aprofundamento crítico sobre o preconceito linguístico e de uma ampliação do foco para incluir outras dimensões da diversidade linguística. Incorporar discussões explícitas sobre preconceito e exemplos de variações regionais e sociais tornaria as propostas mais completas e alinhadas com os objetivos de promover uma educação linguística inclusiva e cidadã.

Figura 5: Atividades e imagens simulação de uma conversa informal

7. A comunicação instantânea por escrito, possibilitada por aplicativos de mensagens, é uma das mais usadas atualmente. Leia a reprodução desta conversa entre amigos.



Acervo pessoal das autoras.

8. Na conversa da atividade anterior, podemos encontrar o uso de dois tipos de variação linguística.

- Quais são essas variações? Justifique sua resposta.
- Na frase “Miou então a viagem?”, qual é o significado da palavra em destaque?

9. Nessa conversa, também é possível identificar o uso de *emojis*.

- Para você, qual é o efeito de sentido de cada um desses *emojis*?
- O que os interlocutores revelam ao usar esses *emojis* em sua conversa?
- Se a comunicação fosse formal, esses *emojis* poderiam ser usados? Como você acha que eles poderiam ser substituídos nessa situação?
- Você já usou algum desses *emojis* em suas mensagens? Em quais situações?

10. Junte-se a um colega e façam um levantamento dos *emojis* que vocês usam em suas mensagens. Em seguida, construam em uma folha à parte uma lista com o desenho dos mais usados, escrevendo, ao lado, o que significam e em que situações vocês utilizam

Fonte: Livro projeto A conquista-Língua Portuguesa (2022, p.30)

A simulação de uma conversa informal apresenta palavras e expressões coloquiais ("show", "naum", "miou"), além de emojis, elementos comuns no uso da língua em mídias digitais. Isso promove reflexões sobre registros linguísticos e adaptações de linguagem a diferentes contextos.

O uso de emojis como linguagem não verbal introduz a multimodalidade na comunicação, que, segundo Dionísio (2005), deve ser incorporado no ensino da língua como forma de explorar as múltiplas semioses que compõem os textos contemporâneos. Além de trazer dinamismo às atividades, os emojis permitem uma reflexão sobre como elementos visuais podem complementar ou até substituir

palavras, destacando seu valor comunicativo e contribuindo para desmistificar possíveis estigmas relacionados à sua utilização.

A escolha de temas próximos ao universo dos alunos, como aventuras e aplicativos de mensagens, é outro ponto positivo. Essa abordagem inclusiva e participativa valoriza as práticas sociais dos estudantes, tornando o aprendizado mais significativo e engajante. De acordo com Antunes (2009), conectar os conteúdos escolares ao cotidiano dos alunos é essencial para o desenvolvimento de competências linguísticas e comunicativas. Atividades que estimulam a personalização, como a criação de listas de emojis e sua interpretação em contextos pessoais, reforçam a ideia de que a língua é um recurso vivo, moldado pelas necessidades e experiências de seus usuários.

A inclusão de atividades que promovem a reflexão sobre registros linguísticos e suas adaptações aos contextos de uso demonstram um esforço em fomentar o letramento sociolinguístico. Para Bagno (2007), o letramento sociolinguístico é um processo que vai além da alfabetização, pois busca desenvolver nos alunos a compreensão crítica das variáveis que influenciam o uso da língua, como a situação comunicativa, os interlocutores e os objetivos da interação.

Por outro lado, é importante considerar que, apesar dos avanços apresentados, as atividades poderiam abranger o debate sobre o preconceito linguístico. Embora a valorização das variações seja evidente, seria enriquecedor incluir discussões explícitas sobre as implicações sociais e culturais da discriminação linguística. Como destaca Faraco (2008), compreender a variação linguística sem discutir as relações de poder e estigmas associados ao uso da língua podem limitar o impacto das atividades em termos de transformação social.

Portanto, ao mesmo tempo em que as atividades demonstradas representam um avanço significativo em termos de abordagem inclusiva e reflexiva, há espaço para aprimoramentos. Ampliar o debate sobre preconceito linguístico e explorar mais profundamente as questões sociais que envolvem o uso da língua fortaleceria o potencial educativo do material, contribuindo para uma formação cidadã que valoriza a diversidade linguística e combate estigmas sociais.

Figura 6: Atividades sobre variação geográfica ou regional

LINGUAGEM E SENTIDOS

Variação geográfica ou regional

O conto popular "Os dois reis de Gondar" é originário da Etiópia e no texto aparecem algumas referências a esse país africano.

1. Releia o trecho a seguir.

Era um dia como os de outrora... e um pobre camponês, tão pobre que tinha apenas a pele sobre os ossos e três galinhas que ciscavam alguns grãos de teff que encontravam pela terra poeirenta [...].

- Teff é o nome de um cereal cultivado na Etiópia. Por que a grafia original dessa palavra foi mantida mesmo na tradução do conto para a língua portuguesa?
- Se esse conto fosse originário do Brasil, qual poderia ser a referência ao alimento das galinhas?
- No título do texto, também há uma palavra que estabelece ligação com o local de origem do conto. Identifique-a e explique essa relação.

As referências que você identificou no conto ajudam a relacionar o texto ao seu lugar de origem. Isso é muito comum em textos orais e escritos, já que a língua pode mudar dependendo do local onde é utilizada.

No Brasil, por exemplo, apesar de a língua portuguesa ser a oficial, o jeito de falar (o sotaque, a pronúncia de determinados fonemas) e o uso de certas expressões varia entre as regiões, em diferentes áreas de um mesmo estado e até de uma mesma cidade. Esse tipo de variação é chamado de **variação geográfica** ou **variação regional** e contribui para a formação de identidades.

A variação geográfica ou regional refere-se à maneira de falar de uma região e ao vocabulário específico utilizado por pessoas de um determinado local.

Expressões próprias de uma região, muitas vezes, não existem ou adquirem sentidos completamente diferentes em outras. Veja alguns exemplos de expressões regionais e seus significados:

- caçar barulho:** procurar confusão, procurar encrenca (Maranhão)
- ganhar chão:** fugir (Piauí)
- ficar na rabeira:** ficar para trás, ser o último colocado (São Paulo)

A variação geográfica é consequência das diferentes culturas e do desenvolvimento histórico de cada lugar. Esses fatores deixaram marcas na língua portuguesa falada no Brasil, dando origem aos **regionalismos**, expressões típicas de cada região. Por meio do vocabulário e da pronúncia, muitas vezes, conseguimos identificar a região de onde o falante se origina.

Algumas línguas faladas pelos povos africanos também influenciaram o português falado no Brasil, por isso nosso vocabulário é repleto de termos e expressões como **caçamba, fubá, corcunda, miçanga, samba, moleque**, entre outras.

119

Fonte: Livro projeto A conquista-Língua Portuguesa (2022, p.119)

O conto "Os dois reis de Gondar" é uma ferramenta interessante para trabalhar a variação linguística e suas implicações culturais no ensino fundamental. A inclusão de expressões regionais e a valorização de termos específicos como "teff" demonstra uma tentativa de conectar os estudantes às questões de diversidade linguística e cultural, o que é fundamental no processo de formação de uma consciência linguística. Como Bagno (1999) destaca, o reconhecimento e o respeito pelas variedades linguísticas são passos essenciais para combater o preconceito linguístico e promover a inclusão.

A estratégia de estimular os alunos a refletirem sobre a preservação de termos e a conexão com o contexto brasileiro é válida, pois promove habilidades

analíticas e comparativas. No entanto, para que a abordagem seja mais completa, seria necessário aprofundar a discussão sobre o preconceito linguístico. Como bem aponta Bortoni (2005), a educação deve abordar não apenas a variação linguística, mas também os estigmas associados a ela, promovendo debates que desconstruam visões preconceituosas e hierarquias linguísticas.

Nesse sentido, a atividade carece de elementos que convidem os alunos a analisar como as diferentes variedades de linguagem são tratadas socialmente, tanto no Brasil quanto em outros contextos. A inclusão de perguntas reflexivas como: *"Você já ouviu alguém ser criticado pela forma como fala? Por quê?"* ou *"Quais são os sentimentos e os julgamentos que as pessoas associam às diferentes formas de falar?"* poderiam enriquecer o trabalho e abrir espaço para o diálogo sobre preconceito linguístico, como sugerido por Faraco (2008).

Além disso, propor atividades que aproximem o conteúdo da realidade dos alunos, como a identificação de expressões locais ou entrevistas com familiares e membros da comunidade, tornaria o aprendizado mais significativo. Tarefas desse tipo fortalecem a percepção de que toda forma de falar é legítima e pertencente a uma identidade cultural, alinhando-se à perspectiva de Antunes (2007), que enfatiza a valorização das práticas sociais de linguagem no ensino.

Por fim, a expansão do escopo da análise para incluir variações linguísticas de outras regiões do mundo ou mesmo diferenças marcantes dentro do Brasil poderia ampliar o horizonte dos alunos e contribuir para uma visão mais abrangente da diversidade linguística. Como menciona Calvet (2002), o contato com a diversidade linguística global pode reforçar a compreensão de que todas as línguas e suas variedades são legítimas e portadoras de cultura e identidade. Essa abordagem amplia o impacto educativo, promovendo não apenas a reflexão sobre a própria realidade, mas também o respeito por outras culturas e suas formas de expressão

Figura 7.14 Atividades e imagens sobre variação linguística

1. As figuras de linguagem também são empregadas nos textos publicitários. Leia o anúncio ao lado, que faz parte de uma campanha de adoção de animais.

- No anúncio, destaca-se a fotografia de um cachorro atrás de uma grade. A que situação essa imagem pretende remeter o leitor?
- Que elementos na imagem podem contribuir para que a campanha obtenha êxito?

2. A imagem e o texto da campanha constroem uma das figuras de linguagem estudadas.

- Qual é ela? Explique.
- Que efeitos de sentido ela produz no interlocutor?

3. Os gifs são amplamente usados em redes sociais, principalmente para dar um tom mais descontraído à mensagem. Observe as imagens que formam um gif.



PEDIGREE. [Campanha] Adotar é tudo de bom. 1 cartaz.



- Como você entende esse gif?

4. No texto do gif, há duas figuras de linguagem.

- Identifique-as e explique cada uma delas.
- Que efeito de sentido cada uma produz no gif?

Fonte: Livro projeto A conquista-Língua Portuguesa (2022, p.216)

Este é um exemplo de atividade bem estruturada para desenvolver uma leitura crítica, pois promove uma análise integrada dos componentes textuais e visuais, algo essencial para o letramento multimodal, como defendem Dionísio e Vasconcellos (2005). A associação entre a imagem do cachorro encarcerado e a mensagem escrita provoca um apelo emocional que sensibiliza o leitor, utilizando o recurso da personificação ao receber a voz do animal. No entanto, a atividade

poderia incluir uma discussão sobre a variação linguística na construção da mensagem publicitária. A escolha do registro informal, como a frase "Eu sei sentar, deitar e rolar", aproxima-se da comunicação do público-alvo, mas isso não é explicitamente explorado nos questionamentos. Conforme sugere Bagno (2007), compreender como a linguagem se molda pelo contexto e pelo objetivo comunicativo é crucial para combater preconceitos linguísticos e desmistificar a ideia de uma "língua padrão" superior.

A terceira atividade analisa um GIF com o texto "Todo mundo está falando". Os alunos são convidados a refletir sobre o significado da imagem e o contexto de uso desse recurso nas redes sociais. O GIF apresenta uma figura feminina estilizada segurando dois celulares, remetendo à ideia de conexão e interação social. A linguagem informal, evidenciada pelo uso de "tá" no lugar de "está", reflete a oralidade transposta para o texto escrito, característica comum em gêneros digitais. De acordo com Marcuschi (2008), os textos digitais frequentemente combinam oralidade e escrita, tornando-se mais acessíveis ao público jovem. Embora a atividade explore a variação linguística em contextos informais e promova o reconhecimento da linguagem digital como legítima, falta uma abordagem explícita sobre os preconceitos que podem surgir em relação ao uso de formas mais informais, especialmente em contextos acadêmicos ou profissionais. Incorporar questionamentos que problematizem esse tipo de discriminação linguística seria um avanço importante.

Já a última atividade convida os alunos a identificar e explicar as figuras de linguagem apresentadas no GIF, além de discutir os efeitos de sentido gerados. Esta proposta apresenta conceitos relacionados à estilística e à construção do discurso. Contudo, uma análise das figuras de linguagem poderia ser ampliada para abordar a adaptação da linguagem a diferentes mídias e públicos. Como apontam Antunes (2009) e Faraco (2008), é essencial que os alunos compreendam não apenas as funções estilísticas da linguagem, mas também as implicações sociais e comunicativas da sua utilização em diferentes contextos.

De modo geral, as atividades comprovadas promovem reflexões importantes sobre multimodalidade e variação linguística. No entanto, algumas lacunas são evidentes. Apesar de abordar a diversidade linguística de forma implícita, falta uma discussão mais direta sobre as consequências do preconceito linguístico e estratégias para combatê-lo. Como destaca Bagno (2007), esta discussão é

fundamental para que os alunos reconheçam e valorizem as variedades linguísticas como parte da identidade cultural de diferentes grupos. Além disso, embora as atividades sejam eficazes em promover a análise prática, poderiam ser complementadas com questões que aprofundam as teorias linguísticas que embasam as variações e seus usos sociais.

Para aprimorar as propostas, seria relevante introduzir questionamentos que problematizam o preconceito linguístico associado à informalidade ou à oralidade transposta para a escrita. Também seria útil ampliar a abordagem da variedade linguística para incluir exemplos regionais e sociais, promovendo maior diversidade. Por fim, incorporar a discussão sobre as relações de poder que influenciam a valorização ou estigmatização de determinadas formas de expressão contribuindo para um debate mais amplo e enriquecedor.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou analisar como um livro didático de ensino fundamental aborda a variação linguística e o preconceito linguístico, com atenção às sequências discursivas que norteiam essas discussões. A análise revelou que, de modo geral, o material analisado apresenta propostas relevantes para introduzir a temática da variação linguística, promovendo reflexões significativas no ambiente escolar. Contudo, também se evidenciaram lacunas importantes, especialmente no tratamento mais aprofundado do preconceito linguístico e de suas implicações sociais.

Ao identificar as concepções de língua e linguagem presentes no material, constatou-se a predominância de uma visão descritiva e funcional, que valoriza a diversidade linguística como um fenômeno natural e cultural. Embora essa perspectiva contribua para sensibilizar os alunos quanto à riqueza da língua portuguesa, sua limitação reside na ausência de um debate mais crítico sobre o papel da linguagem na reprodução de desigualdades sociais. É essencial que o ensino da língua ultrapasse a descrição formal e promova o empoderamento dos estudantes para reconhecerem e enfrentarem injustiças ligadas ao uso da linguagem.

A abordagem do preconceito linguístico, ainda que mencionada em algumas atividades do livro, não é explorada de forma consistente. Essa lacuna reduz a eficácia do material em estimular reflexões críticas e debates sobre os estereótipos e discriminações associadas à variação linguística. Um trabalho mais explícito e contextualizado com situações reais poderia enriquecer as discussões, preparando os alunos para reconhecer e combater atitudes preconceituosas que encontram na sociedade.

Por outro lado, as atividades propostas no livro didático analisado apresentam potencial pedagógico para valorizar a diversidade linguística, especialmente quando incentivam os estudantes a refletir sobre suas próprias práticas de linguagem e a

reconhecer a legitimidade de diferentes variedades linguísticas. Contudo, algumas práticas pedagógicas ainda reforçam estereótipos ou tratam as variedades linguísticas como "erros" a serem corrigidos, o que pode limitar o desenvolvimento de uma postura mais inclusiva e respeitosa.

Assim, conclui-se que o trabalho com a variação linguística e o preconceito linguístico em livros didáticos deve ser ampliado e problematizado para promover um ensino mais inclusivo e crítico. É essencial que as propostas didáticas contemplem a pluralidade linguística como um recurso e não como um obstáculo, incentivando os alunos a compreenderem que a linguagem é um reflexo da diversidade humana. Além disso, a inclusão de discussões mais profundas sobre preconceito linguístico pode contribuir para a formação de cidadãos mais conscientes, éticos e preparados para agir em uma sociedade marcada pela pluralidade.

Portanto, recomenda-se que materiais didáticos futuros invistam em uma abordagem integrada, que articule teoria e prática, reflexão e ação. Dessa forma, o ensino de Língua Portuguesa poderá consolidar seu papel como uma ferramenta transformadora, capaz de promover tanto o aprendizado quanto o desenvolvimento de atitudes que valorizem a diversidade e combatam o preconceito em todas as suas formas.

REFERÊNCIAS

- ABRAÇADO, Jussara. **Entrevista som Maria Marta Pereira Scherre sobre preconceito lingüístico, variação lingüística e ensino**. Caderno de letras da UFF- Dossiê: Preconceito lingüístico e cânone literário, nº 36, p. 11-26, 1 sem. 2008.
- ALKMIM, T. M. Sociolinguística. In: **Introdução à linguística**: Domínios e fronteiras,
- ANTUNES, Irandé. **A língua e a identidade cultural de um povo**. Língua, texto e ensino: outra escola possível. São Paulo: Parábola, 2009.
- ANTUNES, Irandé. **Linguagem e ensino: princípios para a prática em sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Heterogeneidade lingüística e o ensino da língua: o paradoxo da escola**. In: BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Nos chegemos na escola, e agora? Sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola, 2005.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental: **Parâmetros curriculares nacionais:terceiro e quatro ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Editora Cortez, São Paulo, 2007.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Curricular Nacional Comum-BNCC**, Brasília-DF, 2017. Disponível em: . Acesso em: 12 de fevereiro de 2021.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. São Paulo: Ática, 2001.
- CAMACHO, J.G. Sociolinguística. In: **Introdução à linguística**: Domínios e

fronteiras, v. 1 / Fernanda Mussalim, Anna Christina Bentes (orgs.) – 8. Ed – São Paulo: Cortez, 2008. p. 49- 75.

CARVALHO, Damaris Bacon. **A Variação Linguística nos livros didáticos: Ensino fundamental e a Educação de Jovens e Adultos em foco.** 2012. Monografia (Licenciado em Letras) - Unb, [S. I.], 2012.

COAN, M. FREITAG. R. M. K. F. **Sociolinguística variacionista: pressupostos teóricos metodológicos e propostas de ensino.** Revista Eletrônica de Linguística Volume 4, - nº 2 – 2º Semestre 2010 – ISSN 1980-5799.

COAN, Marluce; FREITASG, Raquel Meister Ko. **Sociolinguística variacionista: pressupostos teóricos metodológicos e propostas de ensino.** 2010. Disponível

COELHO, P. M. C. R. **O tratamento da variação linguística no livro didático de português.** 2007. 162 f., il. Dissertação (Mestrado em Linguística) -Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

em:(file:///C:/Users/Jackson/Downloads/ARTIGO%20%20Sociolingu%C3%ADstica%20Variacionista%20e%20Ensino.pdf). Acesso em: (19/03/2024).

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

GORSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmruhi. Sociolinguística e ensino: contribuições para a formação do professor de língua. Florianópolis: EDUFSC, 2006. GORSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl. **Sociolinguística e ensino: contribuições para a formação do professor de língua.** Florianópolis: EDUFSC, 2006.

KLIPPEL, N dos Santos. **O preconceito linguístico no livro didático de língua portuguesa: uma análise.** Unicentro, 2020.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

Ministério da Educação (Brasil). Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#introducao>. Acesso em: 17/03/2024.

MOLLICA, M. C. **Fundamentação teórica: conceituação e delimitação.** In: _____. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação.** São Paulo: Contexto, 2017. p. 9-14.

RIGONATTO, Mariana. **“O que é variação linguística?”**; Brasil Escola. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/portugues/o-que-e-variacao-linguistica.htm>>. Acesso em: 7 de setembro de 2024.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral.** 34. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

TEIXEIRA, M. e DI FANTI, M.G.C. **O texto como objeto de ensino: um olhar enunciativo**. In: Gomes, L. e Tebaldi, N. (org.), *Aprendizagem de língua e literatura: gêneros e vivências de linguagem*. Porto Alegre: UniRitter, 2006. p.95-146.

VANZ, F. A. **Variação Linguística: uma perspectiva da sociolinguística educacional**. 2014. Monografia (Licenciatura em Letras Português - Inglês e Respectivas Literaturas) – Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2014.

ZILLES, A. M. S; FARACO, C. A. (orgs). **Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino**. 1ª. ed. Parábola Editorial. São Paulo, 2015.

